

**MAYOMBE: UMA GUERRA INTER-FRONTEIRAS**

Thaís Gouvêa Silva

*Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás)***RESUMO**

Este trabalho pretende analisar a problemática tribal presente no romance *Mayombe* (1993), de Pepetela, cuja temática consiste em retratar partes do cotidiano de guerrilheiros do MPLA em busca da independência angolana. Todavia, essa obra mostra fatores que contribuíram para maiores tensões no território africano durante a década de 1960. Essas tensões, conforme demonstra a narrativa, são decorrentes da empresa colonizadora, que criou fissuras internas, que se tornaram características do continente africano ao impor a desvalorização e a dispersão das culturas locais. Baseando-se em estudos teóricos e críticos como Rita Chaves (2010), Maurício Waldman (2007) e Marina Ruivo (2010), este artigo busca mostrar que o tribalismo em destaque no romance só evidencia que, antes de resolver uma guerra externa à África, é preciso solucionar as disputas que ocorrem dentro das fronteiras africanas.

**Palavras-chave:** Pepetela; *Mayombe*; Tribalismo; África.

**ABSTRACT**

This work aims to analyze the tribal problematic present in Pepetela's novel *Mayombe* (1993), whose theme consists in portraying parts of the daily life of MPLA guerrillas in search of Angolan independence. However, this work shows factors that contributed to greater tensions in African territory during the 1960s. These tensions, as the narrative shows, are the result of the colonizing company, which created internal fissures, which became characteristics of the African continent, by imposing the devaluation and dispersion of local cultures. Drawing on theoretical and critical studies such as Rita Chaves (2010), Maurício Waldman (2007) and Marina Ruivo (2010), this article seeks to show that the tribalism highlighted in the novel only shows that, before resolving an external war with Africa, the disputes within African borders must be resolved.

**Keywords:** Pepetela; *Mayombe*; Tribalism; Africa.

**Thaís Gouvêa Silva** é acadêmica do curso de Letras da PUC-Goiás.

E-mail: [gouveat@outlook.com](mailto:gouveat@outlook.com)



## INTRODUÇÃO

No romance *Mayombe* (1993), a construção da narrativa se dá por meio de um encadeamento de fatos ligados à memória do próprio autor, Pepetela, haja vista que ele vivenciou momentos marcantes do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). No desenrolar da obra, são apresentados fatos do cotidiano dos guerrilheiros que lutam pela independência do povo angolano, bem como momentos de tensões traçados pela guerra contra os portugueses. No entanto, ainda que o romance aborde temáticas referentes à guerra de libertação da Angola, na década de 1960, é possível notar que o autor não trata somente de uma guerra externa à África, mas retrata uma disputa que ocorre dentro das fronteiras africanas.

Pepetela traz em suas personagens características que desencadeiam diversas reflexões sobre o cenário étnico-cultural existente em Angola. Ademais, ele dá voz de autoridade, ou seja, passa a voz do narrador, para que as personagens possam falar sobre seus medos, suas perspectivas acerca do MPLA e sobre outros fatores que contribuem para a construção de suas personalidades. Acerca dessa construção polifônica do romance, Rita Chaves (2010, p. 134) faz esta observação: “no romance de Pepetela, a incorporação de muitas vozes parece-nos a expressão do desejo de partilhar o discurso, tornando-o capaz de espelhar a pluralidade de vozes que devem compor aquela sociedade”. Logo, percebe-se que o autor do romance traz em sua obra traços que contribuiriam para uma valorização da identidade angolana.

Todavia, a importância desse valor identitário divide a cena com aspectos originados da influência europeia. As marcas da colonização estão enraizadas no território africano; logo, muitos preconceitos e falácias do povo europeu marcam presença no romance em questão. Diante de vários fatores que

promovem debates, como a ganância e a disputa de poder, as questões ideológicas e políticas, há o tribalismo, que desempenha um papel muito marcante ao longo do romance, pois ele é responsável por mostrar que a divisão do povo angolano não traz bons resultados na busca pela independência de seu país. Para tanto, Pepetela demonstra sua preocupação com as questões tribais ao dar voz às individualidades dos guerrilheiros da Base, além de mostrar que o “tuga” é “só uma sombra que corta o caminho dos guerrilheiros” (CHAVES, 2010, p. 92).

## 1 A CENTRALIDADE DO TRIBALISMO NO ROMANCE DE PEPETELA

Tendo em vista o pensamento, presente em *Memórias d'África*, de que “a África, mais do que qualquer outro continente, terminou encoberta por um véu de preconceitos” (WALDMAN, 2007, p. 21) e relacionando-o às perspectivas tribalistas que perpassam *Mayombe* (1993), é notório que a cultura europeia, devido à empresa colonizadora, deixou sequelas no continente africano que se intensificaram nos momentos de luta pela sua libertação. No romance, personagens como Lutamos, Milagre, Teoria e o próprio Comissário Político são provas de que as divisões dos povos desencadeiam diversas problemáticas, que prejudicam a construção de uma identidade cultural no processo de independência e formação nacional.

O tribalismo, que foi retratado na obra como um preconceito entre os vários grupos “tribais” no período da revolução (PAIVA; OLIVEIRA, 2017), gerava muitas práticas discriminatórias entre os guerrilheiros. Pequenas ações, como nomear os novos integrantes da Base, tornaram-se, indiretamente, meios de aplicação desse preconceito ao longo do romance, visto que eles eram nomeados conforme sua personalidade e/ou traços de seu passado.



Sendo assim, os verdadeiros nomes de muitas personagens nem aparecem na história, pois há uma tendência predominante de enfatizar as tribos a qual cada guerrilheiro pertence, sendo possível notar essa ênfase até na fala do narrador:

Estes dividiam-se grosso modo em dois grupos: os kimbundos, à volta do Chefe de Operações, e o grupo dos outros, os que não eram kimbundos, os kikongos, umbundos e destribalizados como o Muatiãnvua, filho de pai umbundo e mãe kimbundo, nascido na Lunda (PEPETELA, 1993, p. 21).

O ato de nomear aqueles que participariam do movimento com codinomes, isto é, designar por meio do nome uma identidade secreta, não só é uma das marcas deixadas pelo tribalismo, como também traz uma complexificação das personagens. Destarte, ao fazer uma análise sobre as obras de Mia Couto, Ana Mafalda Leite (2012) aborda que os nomes próprios das personagens são complexos, pois podem designar um papel a ser preenchido na narrativa, ações que a personagem vai praticar e muitos outros sentidos (2012, p. 192). Essa atribuição da autora pode ser observada também no romance de Pepetela, visto que os codinomes podiam ser dados conforme traços da personalidade dos guerrilheiros, como na seguinte cena:

Milagre propôs «Avança» e logo Muatiãnvua disse que não podia, ele tinha era cara de quem recua. Entre risos e piadas, lá ficaram de acordo com uma característica: a timidez. Finalmente foram unânimes na alcunha de Vewê, o cágado (PEPETELA, 1993, p. 43-44).

Outro aspecto que intensifica a fissura do tribalismo são as relações de desconfiança que passam as personagens de *Mayombe*. Lutamos, um dos guerrilheiros da Base, único do grupo de origem Cabinda, é um dos principais alvos da condição tribal constante no romance, haja vista que ele sofre frequentemente acusações injustas. Além dele,

há a presença de um grupo de homens de mesma origem, Cabinda, no início do romance, e esse grupo também é alvo de atos preconceituosos, isto é, atos tribais, como na seguinte fala do guerrilheiro Milagre: “viram como o Comandante se preocupou tanto com os cem escudos desse traidor de Cabinda?” (PEPETELA, 1993, p. 28).

De origem kimbundo, Milagre é um dos guerrilheiros que mais expõe suas opiniões; logo, ele é responsável por aumentar o clima de desconforto de alguns grupos da Base perante outros. Milagre não confia nem mesmo em seu comandante, pois Sem Medo é kikongo. Essa figura emblemática traz em seus pensamentos, principalmente quando torna-se o narrador, questões tribais que apresentam um teor de rancor pessoal, haja vista que a Base era constituída por diversas etnias, e Milagre acreditava que os kimbundos é que deveriam ser os grandes responsáveis ali. Ao longo de suas indicações sobre o futuro de Angola, por exemplo, Milagre acreditava que os kimbundos é que deveriam governar a nação, para que não houvesse injustiças. A respeito desse julgamento sobre ser justo ou não, o guerrilheiro tem um posicionamento marcante acerca do tribalismo. Ele vê que o “ser tribal” não é uma condição que envolve todos da mesma forma, mas alguns indivíduos podem fazer bom uso do tribalismo, para defender seus interesses, e outros usam de forma errada:

Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos (PEPETELA, 1993, p. 28).

No capítulo “A missão”, em que aparecem os trabalhadores cabindas mencionados acima, há um envolvimento, isto é, uma relação mais íntima entre eles e o guerrilheiro Lutamos. Consoante a esse relacionamento são



despertados, cada vez mais, os preconceitos tribais no grupo de guerrilheiros. Lutamos, ao longo do romance, mostra-se um homem destemido e certo de seus propósitos. Assim, ele apresenta-se disposto a lutar contra o tribalismo e a buscar melhores condições de vida para seu povo. No entanto, essa personagem apresenta-se consciente de que alguns de seus companheiros de guerra não gostam dele porque sua origem é Cabinda e, para muitos ali, são uma tribo de traidores. Essa consciência de Lutamos aparece marcada durante uma conversa entre ele e o Comandante Sem Medo: “sim, camarada Comandante. O Chefe de Operações não pode comigo, desconfia mesmo de mim, mas isso é normal. O povo daqui não apoia, homem de Cabinda é logo traidor... Mas ele é bom militar e um dia vai compreender” (PEPETELA, 1993, p. 70).

A temática tribal, sem dúvidas, torna-se mais explícita quando se tem a presença das opiniões de cada guerrilheiro, ao longo do processo polifônico que constitui a narrativa. Todavia, algumas cenas, como a discussão entre os guerrilheiros na Base, que se iniciou quando o Comissário discordou da postura do Comandante, e a conversa entre Sem Medo e Muatiânvua, mostram que o tribalismo está encarnado na sociedade angolana. Durante a fala do guerrilheiro Muatiânvua, é possível verificar que essa divisão das tribos só prejudicava o andamento das operações:

Uns dizem que se não há comida é porque a direção não faz confiança no Comando da Base, que está dividido. Outros que porque o Comandante não serve e não faz ações que justifiquem a comida. Outros, esses são poucos, dizem que a culpa é dos civis e que é preciso mudar as coisas. Há os que são pelo Comandante, os kikongos; os que são pelo Comissário contra o Comandante; os que são pelo Chefe de Operações, contra o Comissário e o Comandante; os que são pelo Chefe de Operações e o Comissário contra o

Comandante; enfim, são esses... (PEPETELA, 1993, p. 69-70).

Através das falas de Muatiânvua, torna-se notório que ele se sente destribalizado em meio aos demais companheiros, como na própria fala da personagem, ao assumir a voz de narrador: “querem hoje que eu seja tribalista! De que tribo? pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África?” (PEPETELA, 1993, p. 81). Ele acredita que o movimento não deve ser só para libertar Angola, mas deve tomar proporção em toda a África. Suas percepções mostram uma sabedoria para lidar com as questões que estavam enfrentando no país: Muatiânvua é um homem que já tinha compreendido os rumos do projeto pela independência (CHAVES, 2010, p. 94)

Diante da construção dessa libertação angolana, outra personagem que chama atenção pela indicação de insegurança acerca de sua origem é o professor Teoria. Durante o processo de reconhecimento dos guerrilheiros, isto é, da busca pela sua essência e suas motivações diante a guerra, Teoria mostra-se uma figura indecisa e que tem medo do preconceito que o cerca. Não sabendo discernir suas origens, o professor mostra-se constantemente na luta pelo meio termo, ou, como ele próprio menciona, pelo “talvez”. Referente a essa figura cheia de questões impermeadas pelo tribalismo, Marina Ruivo (2010, p. 242) afirma:

Assim, por exemplo, Teoria, o professor da base guerrilheira, é aquele que luta pela afirmação do “talvez”, como alternativa a um “universo de sim ou não, branco ou negro” (p.7), buscando-se contrapor-se ao maniqueísmo e procurando vencer seus medos interiores.

*Mayombe* é um romance cheio de atribuições sobre a personalidade e o comportamento humano, contribuições essas que podem, muitas vezes, ser atemporais.



Algumas situações que envolvem as desconfianças e os preconceitos dos guerrilheiros, ainda que Pepetela tenha as descrito há muito tempo, fazem, indiretamente, ligações com o mundo atual. Exemplo disso pode-se perceber a ambição que o Chefe das Operações tem por conseguir uma posição de maior destaque na Base: para isso ele sempre se porta a favor das decisões do Comandante Sem Medo e contrário às posições do Comissário Político. Essa ganância do guerrilheiro também tem uma essência tribal, pois ele “decidiu lutar em Cabinda não para ajudar a população local, mas para dividir as forças inimigas e indiretamente ajudar seu próprio povo” (PAIVA; OLIVEIRA, 2017, p. 3415).

Contudo, é importante salientar que existe no romance a noção de que é preciso destrribalizar Angola para alcançar uma verdadeira libertação. Essa destrribalização faz-se presente, principalmente, na figura do Comissário Político, que era kimbundo, e sua amizade com o comandante, de origem kikongo. A relação entre os dois é alvo de críticas por parte de alguns guerrilheiros, que acreditavam que o Comissário estava traindo sua tribo ao ter intimidade com o comandante, porém, esse “apadrinhamento” que Sem Medo tem por João é, indiretamente, uma manifestação da destrribalização.

João acredita que, antes das ações militares, é preciso efetuar ações políticas entre os próprios angolanos, isto é, ele crê na importância de conquistar e unir o povo de Angola para que a libertação do país se torne mais completa. A postura que o Comissário Político assume durante o romance é interessante, ele se mostra consciente de que o clichê “a união faz a força” de fato tem peso na realidade em questão. Toda essa perspectiva de querer conquistar e mostrar que os guerrilheiros lutam pelo povo, mas que necessitam do apoio de sua população para

isso, mostra a maturidade da personagem diante do contexto em que se insere o romance.

Todos os posicionamentos de João evidenciam esse amadurecimento político, mas algumas situações o explicitam como a preocupação do jovem guerrilheiro em devolver o dinheiro que pertencia ao mecânico para que aqueles trabalhadores enxergassem as reais intenções do MPLA. Além desse momento, o Comissário faz, em meio aos vários diálogos com seu amigo Comandante, uma afirmação que evidencia sua defesa da luta por um movimento sem partido e com a participação do povo:

A guerra popular não se mede em número de inimigos mortos. Ela mede-se pelo apoio popular que se tem. [...] Temos de mostrar primeiro que não somos bandidos, que não matamos o povo. O povo daqui não nos conhece, só ouve a propaganda inimiga, tem medo de nós (PEPETELA, 1993, p. 14).

Na concepção do jovem Comissário, os próprios angolanos eram responsáveis pelas coisas ruins que aconteciam no país, já que eles permitiam a repetição de erros e não tomavam medidas referentes a isso. Durante a investigação para descobrir quem pegara o dinheiro do mecânico, por exemplo, João mantém uma postura a favor da mudança, mas ele acredita que a luta deve começar com a politização dos povos, para que erros atuais não fossem justificados pelos anteriores. Logo, o jovem percebe a necessidade de desconstruir as noções tribais em Angola para que o povo se fortalecesse:

Os erros anteriores não justificam um erro presente. E só pode haver um castigo. Somos nós que permitimos estes erros que estragam as nossas relações com o povo. Somos nós, com a nossa fraqueza, o nosso tribalismo, que impedimos a aplicação da disciplina. Assim nunca se mudará nada (PEPETELA, 1993, p. 39).



O sábio Comandante Sem Medo também demonstra consciência no que se refere às condições tribais que envolvem o MPLA. Em uma de suas explanações sobre o relacionamento dos membros da Base, Sem Medo mostra-se a favor da desconstrução das noções tribais, ao menos dentro do MPLA, quando ele diz: “e eu digo vos a vocês, que são uns destribalizados aqui, que não são kikongos nem quimbundos [...]” (PEPETELA, 1993, p. 70). Entretanto, suas observações e reflexões o levam a perceber que, mesmo que haja o tribalismo dentro da Base, quando há situações de combate, por exemplo, os guerrilheiros se unem e passam a lutar pelos mesmos objetivos.

A união dos guerrilheiros durante as missões mostra que, apesar de o tribalismo influenciar a divisão do grupo e a criação de minigrupos, a sede pela independência é unânime. Quando há necessidade de atacar os “tugas”, por exemplo, todos esquecem suas origens e suas diferenças em prol de um bem comum. Logo, é visível que essas dificuldades nas relações entre os povos angolanos não têm relação somente com a guerra de independência de Angola (1961-1975), mas trata-se de uma questão enraizada no solo africano e das sociedades que viveram a divisão imposta pelo sistema colonial.

## 2 MARCAS DO SISTEMA COLONIAL

O fato de Angola presenciar de forma tão marcante o preconceito tribal é só mais uma das heranças colonialistas de África. Outros autores africanos, em suas diversas obras, retratam também questões decorrentes da interferência violenta e exploratória da Europa durante a colonização e a recolonização de Angola. No conto “Vovô Bartolomeu”, do autor angolano Antonio Jacinto (SANTILLI, 1985), há uma presença marcante das concepções europeias acerca dos africanos, em especial na expressão “Sorte de preto”. Essa fala da personagem, durante uma tragédia que ocorre

no conto, só mostra que a inferioridade e a falta de segurança estão constantemente nos pensamentos da população africana. Obviamente, esse sentimento de inferioridade, que resulta nas divisões e na falta de reciprocidade entre os africanos, decorre da suposta superioridade do colonizador europeu.

Nesse sentido, a luta anticolonialista assumida no romance de Pepetela mostra a necessidade da desconstrução de fatores, como os estereótipos europeus e o preconceito tribal e a afirmação de uma identidade cultural legítima em Angola, marcada pela pluralidade. O tribalismo é muito marcante na narrativa, principalmente, nos relatos e nas reflexões das personagens, fenômeno que assevera o caráter polifônico do gênero romance, conforme foi objeto de estudo de Bakhtin (1981). Essa necessidade de defender e valorizar mais uma origem do que outra, no desenvolvimento da narrativa, só favorece a ideia de que a guerra em Angola precisa ser, primeiramente, vencida dentro das próprias fronteiras africanas. Assim como a personagem João diz que a fraqueza do MPLA é o próprio tribalismo, é possível identificar que a divisão tribal fragiliza a própria (re)construção nacional. Ao mesmo tempo, o teor tribal possibilita novas reflexões sobre a verdadeira guerra que passa por Angola, uma guerra interna decorrente de interferências externas.

Por fim, é possível perceber que a busca por uma descolonização do continente africano, bem como a luta por sua independência, deixa visíveis as condições de vida e as dificuldades que são encontradas nesse processo. No entanto, *Mayombe* traz ao leitor uma nova perspectiva sobre a guerra de independência de Angola, pois Pepetela retrata os fatos conforme o olhar e a experiência de um verdadeiro guerrilheiro. Sendo assim, essa obra, mesmo que não seja um documento histórico oficial, passa a ser uma ferramenta que fomenta estudos diversos acerca de África. Isso decorre da própria natureza da arte, que desde



Aristóteles foi apontada como mais profunda do que a História, pois possibilita visões mais complexas sobre o meio social e sobre os indivíduos. A própria relativização das verdades, conforme apontou Marina Ruivo (2010, p. 248), possibilita que a captação do elemento histórico ocorra através do autoquestionamento do passado e do futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo traçar um conjunto de fatores que denunciam o preconceito entre tribos, isto é, o tribalismo, ao longo do romance *Mayombe*, de Pepetela. Para que a pesquisa não se limitasse apenas às questões superficiais das personagens da narrativa, buscou-se, por meio de estudos teóricos, abordar os emblemas tribais que ficam nas entrelinhas do romance, como a nomeação das personagens.

Em virtude dos fatores mencionados, é notório que o romance de Pepetela retrata uma problemática muito presente na história da África e dos países que sofreram o processo da colonização de exploração, a influência das nações colonizadoras. Ademais, durante a narrativa, torna-se visível que o sentimento de inferioridade que se estabeleceu no solo africano advém de décadas e possui raízes tão profundas que levarão muito tempo para se desfazerem.

Diante dos estudos feitos, foi possível observar, também, o quanto os indivíduos colonizados são vulneráveis às mudanças, em especial, no que tange à valorização de sua própria identidade. Nessa perspectiva, é possível estabelecer um panorama alinhado à realidade mundial, em que, cada vez mais, os indivíduos africanos sofrem com os padrões e os princípios de culturas europeias. Portanto, faz-se necessário que haja uma ruptura do cânone europeu, a fim de que as raízes cultivadas pela Europa e as guerras inter-fronteiras, dentro do território africano, sejam

erradicadas, permitindo um futuro mais propício à valorização identitária de África.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1981.

CHAVES, R. *Mayombe*: Um romance contra correntes. In: CHAVES, R.; MACEDO, T. **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010, p. 125-139.

CHAVES, R. *Mayombe*. *Pepetela: romance e utopia na história de Angola*. In: CHAVES, R. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010, p. 85-107.

LEITE, A. M. As personagens-narrativa em *Mia Couto*, um exemplo para começar: o personagem-tradutor de mundos. In: LEITE, A. M. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, p. 187-196.

PAIVA, P. H. G.; OLIVEIRA, M. F. Uma floresta de homens: "Tribalismo" e Mestiçagem em *Mayombe*, de Pepetela. **XV abralic - Experiências literárias textualidades contemporâneas**. 2017 Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491414707.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491414707.pdf). Acesso em: 02 jun. 2020.

PEPETELA. **Mayombe**. 5ª. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

RUIVO, M. *Mayombe*: Angola entre passado e o futuro. In: CHAVES, R.; MACEDO, T. **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010, p. 241-248.

SANTILLI, M. A. (Org.). **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo: Ática, 1985.



WALDMAN, M. A percepção da África. In:  
SERRANO, C.; WALDMAN, M. **Memórias  
d'África**: a temática africana em sala de aula.  
São Paulo: Cortez Editora, 2007, p. 21-35.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SILVA, T. G. Mayombe: Uma guerra inter-  
fronteiras. **Revista Primeira Escrita**,  
Aquidauana, v. 7, n. 2, p. 55-62, 2020.